

Veredas

Metáfora na Linguagem e no Pensamento

2/2011

De moedas e gelo: “derretimento” como metáfora recorrente no âmbito da Economia

Graziela Zamponi (UNITAU)

RESUMO: Nesta pesquisa, examinamos uma metáfora presente no campo da Economia, usada para explicar um dos efeitos da recente crise financeira. Mostramos um metaforema que emergiu recentemente como expressão do resultado de um problema econômico global: <DERRETIMENTO DE [X]¹>. Analisamos esse metaforema a partir de uma perspectiva emergentista, congregando aspectos linguísticos, conceptuais e sócio-culturais do metaforema e combinando um conteúdo específico com valores afetivos e pragmáticos. Com base na análise dos dados, podemos hipotetizar que novas metáforas podem emergir de outros discursos, no nosso caso, do discurso de vulgarização da ciência.

Palavras-chave: metáfora; metaforema; discurso de comunicação de massa

Introdução

“*E as bolsas do mundo derretem...*” Essa era a manchete do caderno **Economia** do jornal **O Globo**, de 5 de setembro de 2008, inserida abaixo da expressão “*Ameaça Global*” e de uma figura com dez esferas, das quais nove organizadas em três grupos que representavam, por meio das bandeiras nacionais, as bolsas de China, Hong Kong e Japão (Ásia), França, Alemanha e Inglaterra (Europa), além de Estados Unidos (América do Norte), países cujas economias são referência e termômetro para o mundo; esses conjuntos eram seguidos por uma única esfera com a bandeira brasileira, representando a BOVESPA. A disposição visual dessas esferas sugeria um “efeito dominó” e permitia a associação com uma metáfora

¹ X é uma entidade abstrata da área da Economia.

frequente do discurso midiático, “a bola da vez”, para significar o próximo país a ser atingido por uma crise econômica.

A análise desse contexto verbal e não-verbal revela a presença da metáfora, que convida o leitor conceptualizar um evento em termos de outro, a partir de uma metonímia convencionalizada e dicionarizada (BOLSA [de valores] POR MOEDA, numa relação de *continente pelo conteúdo*).^{2,3}

Esse é apenas um exemplo de um fenômeno, a metáfora, que permeia os mais diferentes discursos e que, nos últimos tempos, tem sido intensamente investigada, dado seu uso recorrente em vários domínios do conhecimento e atividade humana, entre eles a área da Economia.

Nosso objetivo é contribuir com esses estudos, focalizando um único conceito nesse vasto campo, que ainda exige muita pesquisa de variados e múltiplos ângulos antes de se tentar estabelecer princípios mais gerais. Trata-se de da metáfora conceptual [X] **É OBJETO SÓLIDO PASSÍVEL DE LIQUEFAÇÃO**, manifestada no metaforema <DERRETIMENTO DE [X]>, que esteve presente com mais frequência no discurso jornalístico, quando do auge da crise norte-americana, no ano de 2008. Neste trabalho, examinamos essa metáfora da perspectiva discursiva, considerando que, como qualquer metáfora, ela manifesta não só uma forma linguística e uma estrutura conceptual, mas também uma função comunicativa.

1. Metáfora: horizontes teóricos

A literatura contemporânea sobre a metáfora é vasta e rica; várias são as respostas teóricas e diversas são as abordagens que buscam fornecer uma descrição e compreensão do fenômeno. Assim, diversas são as veredas que podem ser trilhadas. Entre elas, as que abordam os aspectos cognitivos envolvidos na produção e compreensão da metáfora são realmente instigantes; mas não podemos esquecer que qualquer metáfora também tem um aspecto linguístico e comunicativo que merece atenção. E aqui se localiza nosso interesse: o estudo da metáfora da perspectiva discursiva, examinando uma metáfora recorrente na área de Economia, que tem circulado toda vez que se enfrenta uma crise financeira como a atual.

A teoria contemporânea da metáfora tem sido desenvolvida por linguistas cognitivos, psicolinguistas e psicólogos, voltados principalmente para o exame da metáfora no nível do pensamento. (cf., por exemplo, LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]; LAKOFF, 1993; KÖVECSES, 2002) Mas o estudo da metáfora também está presente nas investigações de linguistas voltados para a descrição do fenômeno, que têm uma agenda diferente: sem desconsiderar a importância da metáfora no pensamento, esses estudiosos focalizam as metáforas encontradas na linguagem em uso, o que, naturalmente, tem uma implicação direta na metodologia adotada. (cf., por exemplo, CAMERON, 2003; CAMERON; DEIGNAN, 2006; SEMINO, 2008) Se, para o primeiro grupo, o objetivo de examinar dados de linguagem

² Como apontam Deignan e Porter (2004), diferentes sentidos de uma palavra polissêmica não são desenvolvimentos históricos arbitrários, podendo ser traçados com base na noção de metáfora conceptual. Acrescentamos a esse conjunto a metonímia. É o que adotamos aqui, quando se trata das acepções de termos do domínio da Economia, como “bolsa”, “moeda”, entre outros.

³ Assim como a metáfora, a metonímia, tão básica e sistemática no nosso pensamento, é definida como uma relação conceptual em que um conceito representa outro conceito no contexto de um *frame* de conhecimento, chamado Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) (cf. KÖVECSES, 2002; LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Baseada numa relação de contiguidade, a metonímia envolve duas entidades relacionadas no espaço conceptual de um mesmo domínio.

é provar ou rejeitar hipóteses sobre relações e processos conceituais, para o segundo, o objetivo é explicar o funcionamento da metáfora na linguagem, cujas teorias são testadas em relação a dados reais. Esse é outro ponto de diferença entre os dois grupos: enquanto o primeiro lança mão de exemplos fabricados em vez de dados que ocorrem naturalmente, o segundo se volta para detalhes da superfície linguística de dados atestados, que constitui seu principal interesse, pois, a partir deles, podem-se gerar descrições mais acuradas. Adotando a segunda perspectiva, os estudiosos podem aceder da linguagem ao pensamento; afinal, segundo afirmam Deignan e Potter (2004), resultados de pesquisa na área da linguística cognitiva e psicolinguística apontam disparidades entre o que as pessoas realmente escrevem e dizem, como revelam os estudos de corpora naturais, e o que elas pensam que escrevem e dizem.

Os estudos sobre a metáfora cognitiva ganharam impulso nos últimos anos, a partir de uma mudança de paradigma, cujo início data dos anos 80.⁴ Nessa nova perspectiva, rompe-se com a concepção de metáfora como um ornamento linguístico, um fenômeno de linguagem, caracterizado como um desvio, presente (e estudado) sobretudo na linguagem poética. No novo paradigma, a metáfora é vista como fenômeno central na linguagem e no pensamento, enraizado em nossa natureza de seres que buscam e produzem sentido, estando presente em todos os tipos de linguagem. Postula-se aqui que muitos conceitos, especialmente os conceitos abstratos, são estruturados e mentalmente representados como metáforas. Desse modo, de figura retórica, de “perfumaria”, a metáfora adquire o status de uma operação cognitiva fundamental.

Na concepção cognitiva, a metáfora é vista como um conjunto de mapeamento (relações) entre dois domínios: o domínio-fonte (a partir do qual conceptualizamos uma entidade ou um evento metaforicamente, normalmente um domínio concreto da experiência) e o domínio-alvo (o que queremos conceptualizar, normalmente o domínio abstrato).

Uma metáfora é uma maneira de conceptualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente. A metáfora conceptual é manifestada por expressões metafóricas, que, nessa perspectiva, não merecem lugar central. Falar em metáfora, nesse caso, é falar em metáfora como representação mental, que existe na mente e atua no pensamento. Ela seria uma espécie de “matriz geradora” que licenciaria as expressões metafóricas.

Essa perspectiva assume a universalidade de algumas estruturas metafóricas⁵; mas não podemos desconsiderar que a metáfora conceptual também é cultural, refletindo a ideologia e o modo de ver o mundo por parte de uma comunidade. Além disso, postulando que o corpo humano é a origem de muitas metáforas, os estudos nessa área acabam por permitir que definamos a natureza da metáfora conceptual: bio-cognitivo-social. No entanto, o foco dos que se inserem nessa linha recai no aspecto cognitivo.

Muitas críticas têm sido endereçadas à metáfora conceptual. Sardinha (2007), por exemplo, aponta o seu caráter extremamente individualizado e idealizado. Ele cita que as metáforas mais trabalhadas por Lakoff e Johnson são raras no uso da língua; em pesquisa feita na Web, o autor constatou que as expressões metafóricas “*É difícil passar essa ideia para ele*”

⁴ Não postulamos aqui um corte epistemológico abrupto na tradição dos estudos sobre metáfora. Apenas apontamos que se trata de uma teoria inovadora, cujos pressupostos estão presentes em outras linhas teóricas. No entanto, não podemos deixar de apontar que *Metaphors We Live By* (publicado em 1980), de Lakoff e Johnson, constitui o texto fundador da concepção da metáfora cognitiva.

⁵ Esse é o caso de Kövecses (2002), que apresenta algumas metáforas conceituais comuns a algumas línguas, como o inglês, húngaro, polonês, japonês, chinês, zulu, entre outras.

e “*Suas razões chegaram a nós*” aparecem apenas nos próprios exemplos dos autores!⁶ Ou seja, fora dos textos que tratam justamente de metáforas, essas metáforas são raras. Sardinha ressalta ainda o papel secundário que a linguagem desempenha nessa concepção, já que ela praticamente ignora a dimensão linguística, restringindo-se às relações cognitivas.

Outro aspecto passível de crítica consiste no trabalho quase exclusivo com metáforas mortas, convencionalizadas, enraizadas na linguagem (que também têm seu mérito, já que são essas metáforas que usamos para dar sentido às nossas experiências cotidianas, o que evidentemente não é sem interesse), explorando o uso de novas metáforas linguísticas quase que exclusivamente em trabalhos literários e poéticos; o argumento para essa escolha é que a maioria das metáforas novas são extensões criativas da existência de mapeamentos conceptuais. Isso significa que novas metáforas em discursos não literários raramente são examinadas. (CAMERON; DEIGNAN, 2006).

Do final dos anos 90 em diante, uma nova perspectiva aparece nesse cenário. Trata-se do que Sardinha (2007) denomina *metáfora sistemática*, que estabelece um novo foco através de abordagens discursivas e de corpus. Essa visão insiste na importância do uso da linguagem no entendimento da metáfora, utilizando-se do discurso falado ou escrito em corpora pequenos e amplos. Essa perspectiva adota ideias da teoria cognitiva da metáfora e aceita o caráter convencional de muitas metáforas, mas diferentemente da concepção cognitiva, relaciona o conceptual com o linguístico, em teoria e trabalho empírico.

Postula-se aqui que o conteúdo de uma metáfora não é produzido ou processado separadamente da sua forma linguística; ambos são apreendidos juntos, estocados juntos e produzidos juntos, mostrando que pensamento e linguagem metafórica são interdependentes, cada um afetando o outro nos dinâmicos e dialógicos processos de pensar-e-falar. (CAMERON; DEIGNAN, 2006)

Sardinha (2007, 38-42), em uma simples, mas eficiente síntese da metáfora sistemática, aponta os conceitos principais dessa abordagem, como vemos a seguir.

- a) A *metáfora* é “um grupo de termos ligados semanticamente (em conjunto com seus sentidos e seu afeto) de um domínio de Veículo, que são usados para falar sobre um conjunto conexo de ideias de Tópico durante um evento discursivo”. (CAMERON, 2005, apud SARDINHA, 2007) Uma metáfora relaciona dois domínios distintos e, de alguma forma, incongruentes, mas cuja justaposição cria um novo sentido. Os trabalhos atuais sobre metáfora salientam que ela funciona em dois níveis: conceptual e linguístico. O segmento que cria a possibilidade de ativar os dois domínios é denominado “*metáfora linguística*”. Uma metáfora linguística abrange também comparações e símiles. O Veículo constitui a parte da metáfora linguística que contém o termo usado metaforicamente (domínio incongruente). O domínio Veículo / de Tópico consiste nas áreas de conhecimento ou interação humana referentes aos dois termos.
- b) A *metáfora linguística* é uma unidade de sentido usada metaforicamente. É o segmento linguístico que cria a possibilidade de ativar os dois domínios. Esse uso pode ser percebido ou não como metafórico. O analista da metáfora não entra no mérito dessa questão.
- c) O *metaforema* é o conjunto de regularidades de forma, conteúdo, afeto e pragmática, em torno de uma palavra ou colocação, que subjaz a uma metáfora

⁶ No entanto, na linguagem oral no meio acadêmico, são bastante frequentes construções como “*O professor tem conhecimento / sabe a matéria, mas não sabe passar.*”, o que nos parece um caso da primeira metáfora.

linguística. Em outras palavras, um metaforema é uma metáfora linguística que possui uma forma estável e recorrente e se associa regularmente com um sentido semântico e pragmático.

Como características mais gerais da teoria da metáfora sistemática, apontamos:

- a) Primazia dada à metáfora em uso;
- b) Focalização das expressões metafóricas;
- c) Exigência de recorrência das metáforas linguísticas em determinado contexto;
- d) Detecção da metáfora no discurso por meio de evidências de uso.

Mas é necessário pensar numa terceira dimensão: a dimensão comunicativa. Steen (2008) postula um modelo tridimensional da metáfora, em que insere, além da dimensão linguística e cognitiva, uma dimensão comunicativa, atrelada a dois tipos de metáfora: intencional e não intencional.

O autor define metáfora intencional como a metáfora usada para mudar a perspectiva do destinatário sobre o referente ou tópico que é o alvo da metáfora, fazendo-o ver essa entidade como um domínio ou espaço conceptual diferente; desse modo, trata-se de uma metáfora usada como estratégia de discurso de modo relativamente consciente que busca explicitar efeitos retóricos particulares, operando uma mudança na perspectiva do destinatário a respeito do Tópico. Já a metáfora não-intencional, do ponto de vista da função comunicativa, não chama a atenção consciente do destinatário para outro domínio conceptual. Pensamos aqui, por exemplo, em enunciados muito comuns como “*vamos mudar o rumo da conversa*”, em que a metáfora subjacente <**CONVERSA É DESLOCAMENTO ESPACIAL COM OBJETIVO**>. A nosso ver, dificilmente o destinatário perceberia a metáfora como um mecanismo intencionalmente voltado para mudar sua perspectiva sobre “conversa”, literalmente entendido como interação verbal.

Steen (2008) alerta que a noção de metáfora intencional ou não-intencional não se associa aos conceitos de metáfora convencional e metáfora nova. Uma metáfora convencional pode muito bem ser usada intencionalmente, funcionando como um convite à (re)elaboração do conceito que preenche a função de Tópico.

Desse modo, a função comunicativa essencial da metáfora é um problema de intencionalidade ou não-intencionalidade, envolvendo a presença ou ausência de um convite para o destinatário mudar sua perspectiva sobre um referente discursivo ou tópico. Se isso for aceito, então a correspondência inteligível emerge entre a análise simbólica da metáfora e os padrões predominantes no processamento da metáfora da seguinte forma:

- a. Se a metáfora é intencional, sua função comunicativa é alterar a atenção do receptor para um outro domínio e estabelecer um mapeamento interdomínio; seu processamento cognitivo pode explicitar uma comparação pelo mapeamento interdomínio (que deve ser examinada numa pesquisa cognitiva e comportamental).
- b. Se a metáfora é não-intencional, sua função comunicativa não é um problema de mapeamento interdomínio numa estrutura simbólica ou em processamento e representação cognitiva.
- c. Como resultado, é possível dizer que a maioria das metáforas é processada metaforicamente se for entendido que isso se refere a metáforas em comunicação; isto é, se falamos sobre metáforas que podem ser analisadas como convites deliberados para construir mapeamentos interdomínios para a

finalidade de mudar a perspectiva do destinatário (qualquer que seja o motivo comunicativo)

A partir da perspectiva de Steen perguntamos: até que ponto “derretimento” (e seus cognatos) em textos midiáticos que tratam da Economia é percebido como metafórico? Para responder a essa pergunta, seria necessária uma pesquisa na área da linguística cognitiva ou psicolinguística, o que não é nosso caso. O que podemos adotar é que a maioria das metáforas é processada metaforicamente, se entendermos que isso se refere a metáforas em comunicação, isto é, se falamos sobre metáforas que podem ser analisadas como convites deliberados para construir mapeamentos interdomínios com a finalidade de mudar a perspectiva do leitor a respeito de um referente discursivo ou tópico, qualquer que seja a intenção comunicativa. Esse convite pode ser explicitamente formalizado por meio de pistas, como as aspas, como ocorre em (01), de 2008, embora o termo ‘derretimento’ já venha sendo usado na mídia, pelo menos, desde o final da década de 90, como mostra o nosso corpus.

- (01) ... enxurrada de dólares, como resultado da queda no juro dos EUA -
o que agravaria o quadro de "derretimento" da moeda americana...
(Folha de S.Paulo, 22/03/2008)

Assim, a metáfora intencional constitui uma razão importante para fazer uma distinção entre metáfora na linguagem, pensamento e comunicação: a mesma expressão metafórica (na linguagem) e ideia metafórica (no pensamento) pode funcionar como (partes de) enunciados, tanto intencionalmente quanto não intencionalmente (metáfora na comunicação). Essa possibilidade é baseada no potencial linguístico e conceptual do mapeamento metafórico, que se mantém constante, enquanto a função comunicativa variável como um mecanismo retórico é determinado pela presença ou ausência de consciência de que as expressões são usadas como metafóricas. O que muda é a sua função comunicativa. Por isso, as metáforas intencionais devem ser descritas com referência à dimensão comunicativa da metáfora em discurso juntamente com as dimensões linguística e conceptual.

2. Metodologia, Resultados e Discussão

Os dados colhidos para análise provêm do uso de metáforas em textos da mídia impressa, abrangendo todos os gêneros, dos quais se sobressaem dois: artigo de opinião e notícia. Nos dois casos, as condições de produção, com exceção da intenção comunicativa principal, são iguais: o produtor é um jornalista que se dirige a um leitor interessado em assuntos diversos, dos quais destacamos os relativos à Economia e, para confronto, os relativos à Ciência, manifestando claramente sua intenção de convencer/persuadir ou informar, respectivamente. Os textos analisados circularam na **Folha de S.Paulo** no período de 01/01/1988 a 16/10/2008, perfazendo um total de aproximadamente 60.000 palavras.

O corpus foi constituído em torno da noção de “*momento discursivo*” (MOIRAND, 2003), relativo ao surgimento de atividade intensa e diversificada na mídia em conexão com um único evento. O momento discursivo escolhido foi a crise financeira mundial, que se intensificou no ano de 2008.

Adotamos aqui os critérios definidos por Sardinha (2007) para a identificação do metaforema <DERRETIMENTO [DO DÓLAR]>.

Seleção do Veículo: “*derretimento*”⁷, usado de forma incongruente principalmente no domínio da Economia. **Tópico:** *dólar, moeda, dívida, Bolsa de Valores, taxas*, etc.

Resolução da incongruência: **Tópico:** p. ex., *dólar* / **Veículo:** *perda do valor / derretimento do dólar = o dólar perde seu valor (ou algo parecido)*. O domínio do Veículo é de *perda, diminuição de valor, desintegração, dissolvência*.

Além disso, voltamos nossa atenção também para o domínio onde ocorre a metáfora. No discurso científico de popularização, o termo “**derretimento**” tende a ser usado em sentido literal, fixado em relação ao meio ambiente, especificamente, ao derretimento das geleiras, com ênfase no derretimento das calotas polares. No discurso da Economia (assim como no da Política), o termo tende a ser usado metaforicamente.

Nossa hipótese só faz sentido se aceitarmos a ideia de que as metáforas são uma parte integral da prática jornalística nos meios de comunicação de massa. Com efeito, neles, as metáforas constituem uma ferramenta eficiente para a transmissão de uma informação de forma familiar, uma ferramenta que permite o entendimento de novos tópicos e complexos processos e eventos por meio de experiências e crenças culturalmente partilhadas. No caso particular da Economia, as questões da macroeconomia, principalmente, impõem um grande desafio para o entendimento de alguns conceitos, já que a complexidade desse mundo mais abstrato é maior, como aponta White (2003). Isso também ocorre no discurso de vulgarização da ciência. Vemos essa estratégia em (02):

- (02) (...) *As células-tronco* estão entre os componentes mais versáteis do organismo, capazes de assumir a função de qualquer tecido. *Esses curingas fisiológicos* estão presentes principalmente em embriões (variedade que parece ser a mais potente) e na medula óssea, caso no qual compõem as chamadas células-tronco adultas. (...) (Reinaldo José Lopes. Célula-tronco dá sensação a tetraplégico. *Folha de S.Paulo*, 5/11/2003, A-14)

Aqui, a entidade do Tópico – *as células-tronco* – é retomada pela entidade *curinga* – que atua como Veículo. A metáfora **A FUNÇÃO CELULAR É UM JOGO DE BARALHO** é um instrumento poderoso, que, com base em uma prática cotidiana – o jogo de cartas –, busca divulgar um conceito que pode estar ausente do conhecimento enciclopédico do leitor. Atente-se para o fato de a metáfora praticamente condensar a predicação anterior “*capazes de assumir a função de qualquer tecido*”, função precípua de um curinga. Ao mesmo tempo em que atua como um recurso de construção da referência, a expressão metafórica traduz um gesto cooperativo do produtor do texto, para explicar um traço marcante das células-tronco.

Esse universo de experiências e crenças culturalmente partilhadas pode abranger também o conhecimento de outros domínios, como o da Ciência, sem que esteja enraizado em práticas cotidianas, mas que circulam na mídia recorrentemente. Daí também estarem presentes, no universo cultural do leitor, conhecimentos oriundos de outros discursos. É o que hipotetizamos neste trabalho: o metaforema <**DERRETIMENTO [DO DÓLAR]**> provém do discurso científico, especificamente, do discurso científico de popularização veiculado na mídia, funcionando como um “meio de troca” entre diferentes discursos e servindo para a comunicação interdiscursiva.

A Tabela 1 mostra o resultado numérico do nosso levantamento. Optamos por adotar primeiramente um primeiro nível de análise relativo a duas categorias: USO METAFÓRICO

⁷ Neste trabalho, restringimo-nos apenas à forma nominal DERRETIMENTO, deixando para a continuidade da pesquisa a forma verbal DERRETER (e formas finitas) e a forma verbo-nominal DERRETIDO(A).

e USO NÃO-METAFÓRICO. O segundo nível de análise fixa os domínios e instâncias do conhecimento em que a expressão ocorre. Como as incidências mais frequentes incidiam, de um lado, nos domínios da Economia e, com menor frequência, no da Política, e de outro, no domínio da Ciência, anotamos para os demais domínios a designação “Outros”, por não serem relevantes e serem numericamente insignificantes. Como nossa hipótese é que o metaforema <DERRETIMENTO> provém do discurso da Ciência com respeito à desintegração das geleiras em geral e das calotas polares em particular, distinguimos, no caso do uso não-metafórico, as ocorrências que se encontravam nos textos que focalizavam, de maneira central ou secundária, a desintegração dessa parte do planeta.

ANO	TOTAL	USO METAFÓRICO			USO NÃO METAFÓRICO		
		Economia	Política	Outros	Ciência		Outros
					Geleiras	Outros	
2008*	67	46	2	1	13	3	2
2007	42	3	2	-	31	4	2
2006	34	2	3	-	25	2	2
2005	24	1	-	-	19	1	3
2004	15	1	-	-	12	1	1
2003	7	-	1	-	5	1	-
2002	23	2	3	-	12	5	1
2001	13	1	1	-	5	2	4
2000	18	3	1	-	9	4	1
1999	26	8	3	1	10	3	1
1998	7	3	1	-	1	-	2

Tabela 1 – Número de ocorrências do termo “derretimento” em uso metafórico e não-metafórico

*O levantamento de 2008 abrange o período de 1/1 a 16/10.

Os dados indicam uma clara relação entre os momentos político-econômicos e a presença das metáforas (a atual crise financeira mundial e a de 1998/1999, e, significativamente, em 2002, a presença de mais metáforas no domínio da política, localizadas nas notícias e análises da crise argentina, por exemplo). Ainda nesse contexto, se buscarmos relacionar os dois momentos de crise financeira mundial ao número de metáforas, observamos o número significativamente maior (46) em 2008, comparativamente ao ano de 1999 (8). Seria esse um indício de que essa metáfora está sendo incorporada no discurso jornalístico sobre Economia, tendendo a não ser mais percebida como metáfora?

Por outro lado, destaca-se a presença significativa do termo em uso não-metafórico nos textos de popularização da ciência, que, nos últimos nove anos tem noticiado uma espécie de “apocalipse ambiental”, com muita frequência, como constata os números.

O uso mais frequente de *derretimento* no período da turbulência financeira sugere que o termo tende a fixar-se como uma metáfora no discurso econômico da mídia para conceptualizar uma crise. Sua origem parece estar no termo inglês ‘*meltdown*’, como mostra o exemplo (03), embora sua vinculação com a ameaça nuclear esteja ausente no uso da metáfora em nosso corpus.

- (03) (...) É verdade que se pode considerar ultrapassado o pior momento da crise asiática. Vista em perspectiva, foi uma crise até que relativamente rápida. Mas é preciso cuidado para não subestimar a sua gravidade. Houve, de fato, um "meltdown" (a expressão é emprestada do derretimento catastrófico do núcleo de um reator nuclear). Para alguns analistas, no entanto, o que se tem agora ainda não é uma recuperação. É principalmente um quadro de dificuldades crônicas... (Schwartz, Gilson. China e Japão ainda continuam sob suspeita. *Folha de S.Paulo*, 08/08/1999)

Integrando uma cadeia de causas e consequências tanto no discurso da Ciência quanto no da Economia/Política, o termo “*derretimento*” é, no seu uso metafórico ou não, associado a valores negativos, embora no discurso científico haja ocorrências em que o efeito negativo do fenômeno é minimizado.⁸ Devemos reconhecer, no entanto, que, na maioria dos casos, esse fenômeno, normalmente ligado à destruição, é avaliado negativamente, gerando expectativas trágicas, mesmo catastróficas, que parecem permear o discurso sobre o meio ambiente, de maneira geral. Esse valor pode ter passado para o uso metafórico, já que o termo ocorre sempre em ambiente de crise financeira (ou política), de magnitude tal que traz consequências para a economia mundial nestes tempos de globalização.

Abaixo trazemos alguns exemplos de uso metafórico e não-metafórico do termo “*derretimento*”.

2008

- Como o mercado europeu já estava fechado após o **derretimento** das Bolsas nos EUA, são fortes as chances de os negócios abrirem em queda hoje. (10/10)
- Os números mostram que a taxa de **derretimento**, na comparação entre os períodos de 2005 e 2006 mais do que dobrou [sobre dados referentes a 30 geleiras em nove montanhas diferentes] (17/03)

2007

- Trata-se de um quadro avançado de **derretimento** das ligas político-institucionais na associação regional [sobre o Mercosul] (19/01)
- O **derretimento** do gelo no Ártico pode reduzir a população de ursos a um terço até 2050. (08/09)

2006

- Mercado não vê **derretimento** do real no ano. (03/07)
- Estudos publicados na “Science” confirmam que o efeito estufa está acelerando o **derretimento**; o mar pode subir 6m em 2100. O degelo nos pólos é catastrófico, diz a revista. (24/03/2006)

2005

- ... mas o BC veio assistindo passivamente ao **derretimento** da taxa de câmbio nas últimas semanas. (17/04)

⁸ Não podemos garantir que o leitor da seção de Ciência seja o mesmo da seção de Economia. No entanto, devemos considerar que, embora focalizemos apenas o jornal impresso, o discurso sobre o derretimento de geleiras é cada vez mais frequente também em outras mídias (propagandas, jornal falado, entre outros).

- A cada ano, o **derretimento** das geleiras faz com os barcos consigam navegar mais tempo... (21/01)
- 2004**
- Mas afirmou que existia a possibilidade de um “outro cenário” com o “**derretimento** brasileiro e contágio de toda a região. [A respeito da previsão de Greenspan em 1998 sobre o colapso do real] (25/04)
 - ... provocando um **derretimento** que ameaça milhões de vidas e pode acabar com a calota polar até 2100. (9/11)
- 2003**
- Confrontado com fenômenos como o **derretimento** de organizações do porte do Inca (Instituto Nacional do Câncer), Humberto Costa... (31/08)
 - Entre as hipóteses está o aquecimento do planeta, que provoca o **derretimento** de geleiras e o aumento do volume dos oceanos. (28/12)
- 2002**
- ... ajudou-o a conseguir um segundo mandato e a evitar o **derretimento** financeiro do Brasil. (19/12)
 - O mar que está engolindo Tuvalu sobe em consequência do **derretimento** das geleiras dos dois pólos da Terra e da elevação térmica dos oceanos... (08/04)
- 2001**
- A nova autuação trará viço renovado ao fenômeno do **derretimento** da dívida. [sobre a dívida da VARIG] (14/01)
 - A temperatura pode subir 3,5% até 2050, com consequências catastróficas: furacões, secas, **derretimento** das massas de gelo, elevação dos níveis dos oceanos, mudança nas dinâmicas dos ventos e chuvas... (22/11)
- 2000**
- ... no dia em que a moeda brasileira parecia entrar em processo de **derretimento**... (28/09)
 - Alberto Levy estará presente com sua “Ekstasis”, que mostra Manhattan submersa após o **derretimento** das calotas polares. (27/06)
- 1999**
- Alguns analistas, diante do **derretimento** do euro, acreditam que a economia européia voltará a exportar. (04/07)
 - ... da crescente preocupação entre cientistas com o **derretimento** de geleiras pelo mundo à epidemia de Aids na África. (28/11)
- 1998**
- Além do virtual **derretimento** das moedas de um punhado de países, o risco imediato é o de moratória desses Estados. (11/01)

- A consequência são desarranjos climáticos crescentes, como, por exemplo, o **derretimento** de geleiras (por causa da temperatura mais elevada) que leva a inundações (04/11)

Os dados levantados apontam para uma ressonância de valor semântico e afetivo entre o nível literal e o metafórico. Associado a efeitos negativos, como diminuição de espécies selvagens, ameaça à vida humana, aumento do nível dos oceanos, desaparecimento de terras e inundações de cidades, ou como um dos eventos que compõem um cenário catastrófico (furacões, secas, alterações na dinâmica das chuvas e dos ventos, entre outros), decorrente da elevação da temperatura, ou ainda como foco das preocupações dos cientistas, juntamente com a Aids na África, o derretimento das geleiras e calotas polares é uma das ameaças globais. Quando transposto para o terreno da Economia, essa vinculação se mantém: derretimento de moedas, Bolsas, mercados, instituições traz como consequência insucessos financeiros ou políticos e sociais.

Mas a metáfora em questão envolve, em primeiro lugar, um domínio geral de objeto sólido. Com efeito, o termo “derretimento” tem como entrada a acepção de “*dissolução da consistência sólida; liquefação, fundição*” (DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa, doc. eletrônico), seu sentido mais frequente. Assim, podemos postular como metáfora conceptual do nível mais superordenado: <**ECONOMIA É OBJETO SÓLIDO**>, que licencia metáforas linguísticas como “*a quebra da Bolsa de Nova York*”, e “*o derretimento da bolsa /mercado / moeda...*”. Esta última metáfora se assenta numa metáfora conceptual de nível mais específico: <**BOLSA / MERCADO / MOEDA... É OBJETO SÓLIDO PASSÍVEL DE LIQUEFAÇÃO**>.

Conclusão

O objetivo desta pesquisa foi examinar o metaforema <**DERRETIMENTO DE [X]**>, buscando verificar suas regularidades quanto ao sentido, valores afetivos e função em textos midiáticos que versam sobre Economia. Para isso, delimitamos um corpus em torno da noção de um momento discursivo determinado: a crise financeira mundial, que, iniciada no final dos anos 90, se intensificou em 2008.

A análise, ainda preliminar, mostra que, no discurso jornalístico, a conceptualização de um evento do âmbito da macroeconomia relaciona o domínio dos eventos abstratos ao domínio dos objetos sólidos por meio de uma metáfora de nível mais superordenado: **ECONOMIA É OBJETO SÓLIDO**. No caso da metáfora linguística ‘derretimento de [x]’ a metáfora subjacente de nível mais específico seria **[X] É OBJETO SÓLIDO PASSÍVEL DE LIQUEFAÇÃO**.

Os dados ainda permitem inferir que essa relação encontra sua motivação no discurso científico de vulgarização a respeito do derretimento de geleiras e calotas polares, sustentando a hipótese de que novas metáforas podem emergir de outros discursos, funcionando como um “meio de troca” entre diferentes discursos e servindo para a comunicação interdiscursiva.

Outro aspecto relevante diz respeito aos valores negativos associados à conceptualização de processos de dissolvência de entidades no terreno da Economia, como mostrou nosso corpus. Essa afirmação se sustenta na premissa de que a metáfora é parte de nosso humano modo de pensar e falar; ela codifica o conhecimento cultural e é aprendida através da participação em grupos socioculturais particulares. Uma importante dimensão dialógica da metáfora é seu uso para expressar afeto e atitude com conteúdo ideacional. No

âmbito de um evento discursivo o impacto cumulativo de metáforas contribui para o “clima afetivo” geral da interação. Num âmbito mais amplo, o uso dialógico e reuso de metáforas levam à convencionalização de julgamentos de atitude anexados.

Quanto à função comunicativa podemos aventar que o metaforema ‘DERRETIMENTO DE [X]’, usado no domínio da Economia, pode não ser percebido pelo leitor; no entanto, o próprio jornalista manifesta, por vezes, essa consciência, quando intencionalmente usa as aspas de para marcar o uso metafórico, num convite para que o leitor proceda a um mapeamento entre o domínio dos eventos da Economia e o domínio dos elementos sólidos. Neste caso, a intencionalidade fica à mostra e deixa entrever o papel de explicação que as metáforas desempenham no discurso midiático, em nome do contexto comunicativo, indicando o poder de criação de novas metáforas por parte da mídia.

ABSTRACT: In this paper, we examine a metaphor used in Economy to explain one of the effects of the recent financial crisis. We demonstrate a metaphorem which has recently emerged as an expression related to the result of global economic problems: <MELTING OF [X]>. We analyze this metaphorem from an emergentist perspective, bringing together linguistic, conceptual and socio-cultural metaphorem, as well as combining specific content of emotional and pragmatic values. Based on the data analysis, we hypothesize that new metaphors may emerge from other discourses, such as the discourse of popularization of science.

Keywords: metaphor; metaphorem; mass communication discourse

Referências

CAMERON, Lynne. *Metaphor Course Handout*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, out. 2005 apud SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 167 p.

CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. The emergence of Metaphor in discourse. *Applied Linguistics*, n. 27, v. 4, p. 671-690, 2006.

DEIGNAN, Alice; POTTER, Liz. A corpus study of metaphors and metonymies in English and Italian. *Journal of Pragmatics*, 36, p. 1231-1252, 2004.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 07/08/2008.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002. 285 p.

_____. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 314 p.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In Andrew Ortoni (ed.) *Metaphor and thought*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-São Paulo: Mercado de Letras/EDUC, 2002 [1980]. 360 p.

MOIRAND, Sophie. Communicative and cognitive dimensions of discourse on science em the French mass media. *Discourse Studies*, n. 5, v. 2, p. 175-206, 2003.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 167 p.

SEMINO, Elena. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 247 p.

STEEN, Gerard. The paradox of metaphor: why we need a three-dimensional model of metaphor. *Metaphor and Symbol*, n. 23, v. 4, p. 213-241, 2008.

WHITE, Michael. Metaphor and economics: the case of growth. *English for Specific Purposes*, n. 22, p. 131-151, 2003.

RECEBIDO EM 10/04/2011 — APROVADO EM 20/07/2011